**MEANDROS DA FORMAÇÃO DOCENTE: O ENSINO DE HISTÓRIA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA**

Ana Beatriz de Santana Bandeira Santos[[1]](#footnote-1)

Hermeson Diogo Alves de Souza[[2]](#footnote-2)

Fernando Mattiolli Vieira[[3]](#footnote-3)

Grazyelle Reis dos Santos[[4]](#footnote-4)

Programa Residência Pedagógica, curso de História[[5]](#footnote-5)

Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina

**RESUMO:** Este artigo apresenta um estudo sobre caminhos de formação profissional para a docência em história, considerando a relevância do Programa de Residência Pedagógica (PRP) da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina, nesse processo. Aborda experiências construídas e ressignificadas na escola-campo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, campus Juazeiro, na qual foram realizadas ações de ensino-aprendizagem voltadas para o uso de fontes no ensino de história e para a análise do tema transversal “violência: olhares sobre o passado e o presente”. Articula investigações teóricas sobre ensino de história às práticas em sala de aula. Considera-se que a formação para a docência que extrapola o espaço das universidades, o âmbito das reflexões, e conhece a prática, permite uma construção mais profunda da identidade profissional, uma percepção mais ampliada dos horizontes de atuação, a identificação de desafios e enfrentamentos e um pensar mais engajado com a criação de estratégias de ensino-aprendizagem mais empoderadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação para a docência em História, Fontes Históricas, Tema Transversal “Violência”.

**INTRODUÇÃO:**

A educação é a base que move o desenvolvimento da sociedade. É ato imbuído pelo engajamento de “formar” pessoas para a vida e capacitá-las para atuar nos mundos do trabalho, ainda que compreendamos que formação é processo contínuo, que decorre para além da conclusão de etapas formativas necessárias à passagem para a vivência de novos rumos. Por meio da educação, todo profissional constrói suas trajetórias de formação, nos mais variados campos. Todo educador possui responsabilidades e desafios amplos, que não se restringem a consolidar aprendizados de conteúdos ou de técnicas. Também visam estimular nos sujeitos o aprofundamento de suas percepções críticas e políticas, que possibitem um pensar e agir transformador dos paradigmas sociais.

As licenciaturas são campo fértil onde o profissional da educação constrói seus itinerários formativos. Proporcionam estudos teóricos que, quando podem ser aliados às práticas, ampliam as perspectivas sobre o que se define como docência.

Enquanto ação que integra a Política Nacional de Formação de Professores, o Programa de Residência Pedagógica se inseriu em cursos de licenciatura de instituições de ensino superior, proporcionando oportunidade de aperfeiçoamento da formação profissional de futuros docentes, que, na altura da segunda metade de seus cursos, possuem um cabedal de conhecimentos mais largos e estão mais próximos de ingressar no mundo do trabalho.

No processo que é a formação profissional para a área de educação, a teoria e a prática em interação proporcionam conhecimentos que se agregam e tornam possível ao licenciando identificar com mais acuidade suas aptidões, anseios em relação à profissão escolhida e frustações que a experiência pode gerar. Atuando em sala de aula, seu laboratório, o futuro docente se percebe exercitando tudo que foi objeto de pesquisa, reflexão, elaboração, compartilhamento, apreciação, em seu curso superior, alcançando outras pessoas, por meio da definição de seus objetivos, métodos e estratégias de ensino. A convivência diária com o ambiente profissional, com os sujeitos que o integra, com os eventos que constituem sua rotina, dão uma dimensão diferenciada aos licenciandos sobre os espaços que os aguardam, como funcionam e como cada um pode construir caminhos de interação e intervenção.

O curso de Licenciatura em História da Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Petrolina, adotou o Programa de Residência Pedagógica (PRP), sob a coordenação do Prof. Dr. Fernando Mattiolli Vieira. Por meio do edital nº 06/2018, apresentou aos seus estudantes o ensejo da elaboração de novos saberes e fazeres relacionados à docência em história. Uma instituição selecionada como escola-campo do PRP foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), *campus* Juazeiro. É sobre experiências de ensino-aprendizagem elaboradas nesse ambiente, tendo como preceptora a Profª. Ma. Grazyelle Reis dos Santos, que trata esse artigo.

As experiências na escola-campo se iniciaram em novembro de 2018, quando começaram a ocorrer os encontros semanais entre os dez residentes selecionandos para atuar no no IFBA e a preceptora. A princípio, os diálogos da equipe se voltaram para como cada um se identificava com a docência em história e o que almejavam com esse exercício profissional. O reconhecimento de si possibilitou um exergar-se no papel de professor de história como uma identidade.

A equipe se mobilizou para construir um planejamento cuidadoso de todas as etapas que seriam vivenciadas no âmbito do PRP. Nasceu, então, o Plano de Atividades, estabelecendo objetivos, métodos e ações que se tornaram o norte dessa experiência e alcançou turmas de primeiro e segundo ano dos cursos Técnico de Nível Médio em Administração e Técnico de Nível Médio em Segurança do Trabalho, ambos na forma integrada.

Em meio a construção do planejamento das atividades que seriam realizadas, ocorreu a divisão de duplas para desenvolvimento deste. Por ocorrencia de paralisações, o ano letivo do Instituto Federal possuí um atraso em comparativo com outras instituições, por tanto, no começo do ano de 2019, fizemos esse trabalho visando o ano letivo que começaria apenas no mês de abril, mas com atividades mais constantes dos residentes apenas na segunda unidade, entre os meses de agosto e outubro. Seria feito um período de observação na primeira unidade para que cada dupla reconhecesse suas respectivas turmas.

Dentro das propostas no Plano de Atividades tivemos como base os eixos centrais do programa, as fontes históricas e a violência. Foi decidido em conjunto que a primeira atividade, a ser realizada com as turmas designadas para cada dupla de residentes, seria uma oficina de fontes históricas, para que os alunos adquirissem uma base para o entendimento e uso desse conceito em diversos momentos do ano letivo. Além disso, também foi acordado a realização de um minicurso sobre violência, com o mesmo objetivo da oficina mencionada. Neste, seria feito um paralelo entre a violência na História, como ela se apresentou em diferentes temporalidades e sociedades, fazendo uma reflexão com práticas de violência existentes no presente. Em torno dessas reflexões foram feitos os planejamentos para a segunda unidade – momento em que os residentes estariam responsáveis por lecionar –, tendo conteúdos específicos a serem desenvolvidos em cada turma. Dessa forma, os eixos a serem trabalhados adquiriram várias formas de serem trabalhadas através de cada assunto a ser abordado, refletindo diversos resultados distintos.

Assim trabalhamos com a importância do programa Residência Pedagógica para a formação do futuro docente, tendo como objetivo principal o ensino de História concatenado com a utilização de fontes trazidas em sala de aula e a interdisciplinaridade que foi colocada a partir da transversalidade, na qual trouxemos a temática da violência, fazendo uma reflexão entre passado e presente. Desse modo para que possamos nos atualizar e incrementar práticas de ensino inovadoras e que fugissem daquela antiga forma de se ensinar História, com um ensino-aprendizagem mais dinâmico e prazeroso para alunos e docentes.

Se atentando ao ambiente em que realizamos a residencia, o Instituto Federal de Juazeiro se localiza na zona periférica da cidade, em torno de dois residenciais promovidos através de programas sóciais[[6]](#footnote-6). Os alunos da instituição são em sua maioria residentes dessas localidades, havendo alguns que moram até mesmo em cidades circunvizinhas. Dessa maneira, foi necessário entender a vivencia desses estudantes fora do ambiente escolar e como isso pode afetar o desenvolvimento acadêmico dos discentes. Também foi importante, através dessa consideração, a análise do ambiente social do alunado para o estudo dos temas transversais abordados.

 Para isso, utilizamos um método de ensino associado aos temas transversais fontes históricas e violencia – conectados com os conteúdos programados e à realidade dos estudantes, afim de que eles desenvolvessem uma criticidade acerca de tais reflexões. A opinião e desenvolvimento dos estudantes nessa experiencia é de fundamental importancia no objetivo do Plano de Atividades.

**METODOLOGIA:**

Para o desenvolvimento teórico metodológico desse artigo foram utilizadas o suporte de pesquisas bibliografias relacionadas ao ensino aprendizagem em historia e da formação profissional para docência (Maria A. Schimidt, Circe M. Bitencourt, Carla B. Pinsky, Nilton M. Pereira, Fernando Seffner, Paulo, Knauss e José A. de Freitas Neto). A utilização das pesquisas desses autores relacionado ao assunto abordado no presente trabalho também demonstra como os mesmo auxiliaram na contrução da experiência aqui relatada.

Além disso também tratamos de nossas experiências vivenciadas no Instituto Federal da Bahia *campus* Juazeiro, escola campo onde nosso grupo, selecionado no programa Residencia Pedagogica, atuou. Assim, fundamentando nosso trabalho para que pudéssemos refletir e, sobretudo, extrair um bom resultado sobre o uso de novas ferramentas para o ensino-aprendizagem em história e que possibilite um aprimoramento na pratica docente dando ênfase a importância do programa Residência Pedagógica.

**DISCUSSÃO E RESULTADOS:**

**A formação profissional do docente de História:**

Na formação do educador faz-se necessário conhecer a realidade escolar, bem como o cotidiano do aluno o objetivo é quebrar medos e estereótipos que a grande maioria dos alunos de licenciatura possui no que diz respeito à escola no seu contexto geral e principalmente a sala de aula, portanto quando o graduando em licenciatura vai a campo por meio do estagio como residente, ele tem a oportunidade de se identificar e principalmente se perceber enquanto educador.

O presente Projeto de residência pedagógica, que nesse artigo, está concentrado no curso de licenciatura em História a qual o professor possui uma grande parcela de contribuição na construção do conhecimento histórico dos seus alunos, sendo assim é de extrema importância o educador instigar a curiosidade e a motivação dos educandos em relação à compreensão do saber histórico.

Portanto ao observar a prática em sala de aula é possível obter experiências metodológicas através do contato com a professora preceptora, no qual nós, residentes, assimilamos muito da experiência, da prática e dos conhecimentos dela, algo que não foi possível apenas com as disciplinas de estagio supervisionado que o curso de historia nos oferta.

É importante ressaltar que a analise da realidade escolar não está restrita somente a isso, mas, nós docentes junto com a preceptora tenhamos como objetivo procurar caminhos de inovações no ensino de história que permita levar os seus alunos a se compreenderem como sujeitos participantes da história a fim de proporcionar um censo e uma visão critica pessoal de cada estudante, levando eles a construir ou desconstruir seus próprios valores a partir dos seus conhecimentos e conjuntamente com os que estão sendo colocados em sala de aula, como pedem as propostas curriculares e como afirma Circe Bittencourt:

Para a maioria das propostas curriculares, o ensino de história visa contribuir para a formação de um “cidadão crítico”, para que o aluno adquira uma posição crítica em relação á sociedade em que vive. As introduções dos textos oficiais reiteram, com insistência, que o ensino de História, ao estudar as sociedades passadas, tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e percebesse como agente social capaz de transformar, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática. (2004, P.19)

A docência é capaz de promover momentos únicos, apesar de ser, ainda, bastante desvalorizada no país. Nesse programa Residência Pedagógica, nós conseguimos nos identificar com a prática da docência. Vejo que muita coisa, ainda, terá que ser mudada, o método de ensino “engessado” tem que ser substituído, nós, futuros docentes, temos que pensar doravante em ideias novas, como as que fizemos nesse projeto. No qual trabalhamos com o conceito muito pedido por teóricos da educação em ensino de historia, que é a interdisciplinaridade. (SCHMIDT, 2004) a visão do ensino de História esteve de acordo com o princípio da interdisciplinaridade, envolvendo o cruzamento da História com outras áreas das Ciências Sociais. O professor de história deve sempre fazer uma ponte entre passado e presente. Assim foi nossa intenção em no projeto. Portanto fizemos com que o aluno fizessem um link entre o passado e o presente, “levando-o a ter intimidade com um certo passado ou, quem sabe , com um determinado presente” (SCHMIDT, 2004, p. 56).

**A investigação de fontes no ensino de História:**

Como em outras ciências existem seus objetos de estudo, seus métodos diferentes e variados, desse modo, também não é diferente para a ciência história. Historiadores trabalham com fontes. Nós nos apropriamos delas por meio de abordagens específicas, métodos diferentes, técnicas variadas (PINSKY, 2005, P.7). As fontes históricas nos ajudam a perceber o objeto em analise, seja esse objeto uma fonte escrita, uma fonte arqueológica, fonte material, fonte oral, fonte visual ou as novas fontes audiovisuais, “[...] penetrar em arquivos, ouvir depoimentos, manusear documentos, escarafunchar vestígios da cultura material ou simbólica, decifrar impressos ou audiovisuais em busca das experiências de nossos antepassados, aceitando os desafios da História” (PINSKY, 2005, p.8). Tecendo uma analise critica ao documento/fonte. Como exemplo, traremos aqui, a fonte arqueológica serviu para os historiadores da historia antiga entender o processo histórico do Antigo Oriente, sobre o nascimento da religião, da propriedade privada, do comércio, das sociedades complexas e seus impérios e, sobretudo o processo de invenção e evolução da escrita que nos proporcionaram vários documentos escritos que são de suma importância para entendermos essas sociedades antigas. Os métodos históricos foram evoluindo ao decorrer do tempo, começou com a positivista no século XIX e hoje a nova historia, onde aliada com as ciências sociais e humanas, fazem um trabalho no qual se estuda desde sua forma de vestir a seu modo de pensar. A problemática da questão está em levar essas fontes para o ensino-aprendizagem dentro da sala de aula.

O ensino de história em conjunto com a utilização de fontes em sala de aula é de extrema importância para o ensino-aprendizagem, servindo, desse modo, para auxiliar nesse processo, numa forma estratégica do docente em tentar viabilizar uma “aproximação” entre os tempos: passado e presente, para que os alunos percebam como funciona o processo histórico e que também eles se sintam como resultado daquele processo e, sobretudo, como agentes do processo histórico. Pretendemos, alem do mais passar para os alunos um pouco do trabalho do historiador, como ele utiliza e trabalha com essas fontes, um pouco da sua epistemologia, mas, contudo, sabendo que a vasta maioria deles não tem como objetivo tornarem-se historiadores. Como afirmam Pereira e Seffner:

 Partimos da suposição de que o uso de fontes no ensino de história pode ser uma estratégia adequada e produtiva para ensinar história a indivíduos que não tem como objetivo se tornar historiadores, mas para os quais o conhecimento da história pode fazer muita diferença na compreensão do mundo em que vivem e, portanto, na construção de seus projetos de vida (2008, p.114).

Outra questão relevante que devemos considerar quando se trata do trabalho do professor em utilizar as fontes em sala de aula, é problematizar que muito do que se tem, principalmente em fonte escrita foi escrito com um objetivo, com uma visão, que muitas vezes foram produzidos por colonizadores, exemplo claro disso é a carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento produzido no Brasil, que traz a visão de mundo do homem europeu junto com todo seu preconceito a respeito dos ameríndios que aqui já habitavam. Nesse caso, temos que ensinar para esses alunos que aquela mesma fonte foi escrita com um caráter político-ideológico, Assim é necessário que o professor saiba como contextualizar e mostrar para o aluno como se deve analisar uma determinada fonte. No caso da carta de Pero Vaz de Caminha, devemos demonstrar a etnocentrismo do homem europeu da época. Para o ensino médio é, por mais que tenha ainda suas dificuldades, ainda mais descomplicado, o trabalho do docente é um pouco árduo quando se trata do ensino fundamental, como afirmar os teóricos da educação em historia:

Sem dúvida, não é um engenho fácil ensinar para as crianças do ensino fundamental que o texto que escrevemos como a história de um determinado grupo ou cultura, pode ter sido escrito e significado de outro modo pelos personagens desse grupo ou cultura que inserimos na nossa trama (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 114).

A fonte deve ser trabalhada no ensino de história para que o aluno possa estar diante dessas representações que os povos do passado nos deixaram, desse modo o aluno vai ler os vestígios do passado e também ter uma visão critica sobre ele. Como é ressaaltado pelos pesquisadores Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner:

Na escola, o ensino de história coloca os estudantes diante das representações que as gerações passadas produziram sobre si mesmas (nossas fontes) e, ao mesmo tempo, estimula-os a elaborar a crítica das representações que hoje produzimos sobre nosso próprio passado. Então, ao ensinarmos história na escola, pomos-nos a ensinar a ler o passado através das representações que sobre o passado estão sendo ou foram produzidas, mas também, quem sabe, através dos vestígios deixados pelas gerações anteriores (2008, p. 119).

O ensino de historia tem como objetivo fazer com que os alunos se percebam como agentes do seu tempo e espaço, para que forme um link entre presente e passado, e que se entendam como resultado desse processo, para que esses alunos se tornem “[...] artífices de si mesmos, a construírem-se como singularidades e a olhar para seu presente como diferença em relação ao seu passado e, ao mesmo tempo, como produto dos conflitos e das lutas do passado” (PERREIRA; SEFFNER, 2008, p.120).

Durante a unidade em que lecionamos na turma do primeiro ano de Segurança do trabalho no Instituto Federal Campus Juazeiro, utilizamos os temas transversais propostos no programa para direcionar o nosso trabalho com os conteúdos que seriam trabalhados na série. O recorte temático proposto pela preceptora foi o de Grécia Antiga, Roma Antiga, Império Bizantino, Islamismo e, por fim, Idade Média. Em todos, trouxemos fontes variadas sobre os conteúdos.

 A nossa principal meta foi apresentar diferentes fontes históricas para cada Trabalho conteúdo apresentado. Existe hoje uma variedade de fontes que podem ser utilizadas na pesquisa da História e também na sala de aula. Em seu livro, Fontes Históricas, Carla Pinsky traz um apanhado destas, com cada capitulo falando de uma fonte diferente, escrito por autores diversos. É visto desde as fontes documentais, até as audiovisuais, passando por literatura, testemunhos, jornais, biografias, etc. Tivemos como objetivo, durante a unidade que lecionamos no Instituto Federal, levar o máximo de exemplos possíveis dessas fontes, porém, de forma que fossem contextualizadas com os conteúdos propostos.

 Para o caso dos conteúdos de Grécia e Roma Antiga, utilizamos as fontes arqueológicas e a literatura da época. De início, utilizamos majoritariamente a arqueologia nas aulas, com o exemplo de cerâmicas retratando cenas da Odisseia e a famosa Taça de Nestor em que, além de levarmos a imagem do artefato, também mostramos a inscrição presente na mesma e a tradução para o português. Levamos a Taça de Nestor para que os alunos tivessem uma percepção de como a escrita começou a ser utilizada durante o período arcaico grego, em um contexto onde ela servia para questões de contabilidade, registros e proteger propriedades.

 Também trouxemos a questão da História das mulheres na Grécia Antiga. Esse tema é essencial, pois aborda a problemática de uma antiguidade que é caracterizada e estudada apenas pelo olhar masculino. É evidente que os relatos da época que chegaram até a atualidade são majoritariamente masculinos, porém é importante analisar como as mulheres viviam nessas sociedades. Para esse trabalho, utilizamos a estratégia de analisar essa temática através de duas vertentes, a da cultura escrita e da iconografia.

 É preciso esclarecer que ao abordarmos o assunto “Grécia Antiga” damos preferência a determinadas culturas desse território, como, por exemplo, Esparta e Atenas. A Grécia era composta de diversas cidades-estado, cada uma com sua própria cultura e costumes, dessa maneira deve-se estar atento às generalizações que podem se apresentar ao falar desse conteúdo.

 Para falar sobre as mulheres gregas, citamos autores do período clássico grego como Aristóteles, Xenofonte e Aristófanes. É possível perceber nesses um ideal de submissão feminina que virou característica das mulheres atenienses de acordo com a visão atual. Uma mulher que é criada para casar e “produzir” os futuros cidadãos atenienses. É essa a percepção que, por exemplo, Xenofonte traz em sua obra *Econômico*:

E, pelo fato de que por natureza, ambos são igualmente bem dotados para tudo, precisam muito um do outro e a união é mais útil ao casal quando o um é capaz daquilo em que o outro é deficiente. Sabendo, minha mulher, disse-lhe eu, os deveres que a cada um de nós foram determinados pelo deus, é preciso que tentemos, cada um de nós, levá-los a termo da melhor forma possível. Aprova-o, disse-me ter dito, também ao fazer cônjuges o homem e a mulher. E, como o deus os fez parceiros quanto aos filhos, assim também a lei os instituiu como parceiros na casa. E a lei declara nobre aquilo para o que os fez mais capazes por natureza. Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora. Se alguém faz coisas estranhas à natureza que a divindade lhe deu, talvez os deuses não deixem de perceber que ele está fora de seu lugar e ele é punido por descuidar-se de tarefas que são suas ou fazer tarefas da mulher. (XENOFONTE, *Econômico*, VII, 28-31).

 Aristóteles legitima essa visão em sua obra *Política*, além de repreender a liberdade que as mulheres espartanas possuem em comparação as esposas atenienses, para o autor, o envolvimento das espartanas nos assuntos da *polis* era inadmissível. Dessa maneira, podemos perceber duas realidades femininas distintas em confronto, porém é preciso recordar das outras cidades-estado e suas próprias realidades. Em um pequeno período disponível para a abordagem do conteúdo não é possível explanar cada território grego e suas peculiaridades, porém é importante deixar claro esse conflito de vivencias.

 Outro ponto também deve ser confrontado. Os relatos que possuímos sobre a realidade das mulheres atenienses foram produzidas por homens, é uma visão masculina sobre a mulher. É preciso então se confrontar com outros instrumentos para analisar melhor esse agente social, usamos para isso a análise iconográfica.

 Segundo a historiadora Marta Mega de Andrade, é possível perceber um dinamismo no papel social da mulher ateniense ao analisar vasos. Essa análise se deve ao fato de que a cerâmica grega é fonte de várias representações que auxiliam no estudo da época em que foram produzidos, podendo assim ser usada na análise dessa realidade feminina.

 As fontes arqueológicas apresentadas aos alunos, pensando nessa análise, foram os *lekhithos*, vasos usados em rituais que tinham como função armazenar água ou óleos. Nesses objetos é possível fazer uma interpretação das imagens presentes neles, como, por exemplo, representações do casamento.

 A imagem feminina então se torna muito presente por dois motivos: a presença dessa mulher na cerimônia, como noiva ou familiar desta; e a importância que as mulheres tinham nesses ritos. Se no campo político da *polis* ateniense, a presença feminina era inconcebível, com relação à religião e a família, esta se tornava essencial. É então que temos uma visão da participação das mulheres na sociedade grega.

 Através dessa análise é possível perceber como a interpretação de diferentes fontes históricas auxiliam no entendimento aprofundado da História, além de trazer elementos da cultura da época em questão. Também é importante lembrar que a própria BNCC aconselha o uso das fontes históricas. Na competência específica 1, ela fala sobre a necessidade da análise de “processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais” (BRASIL, 2018, p. 571) em diferentes âmbitos, para isso é necessário o uso de diversas ferramentas, e duas habilidades podem ser evidenciadas para esclarecer nosso trabalho com a utilização das fontes.

 A comparação entre fontes escritas e iconográficas são baseadas na habilidade 1, em que é dito:

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos , sociais, ambientais e culturais. (BRASIL, 2018, p. 572).

É necessário frisar que estamos abordando de forma mais aprofundada apenas algumas das experiências que vivenciamos nos meses em que lecionamos na turma de primeira série do curso de Segurança do Trabalho. Além do conteúdo de Grécia Antiga, outros foram abordados e fontes históricas distintas utilizadas. Para Roma Antiga, utilizamos a literatura, a análise numismática, esculturas e até mesmo os vestígios arqueológicos da cidade de Pompéia. Em contrapartida, para o conteúdo de Idade Média utilizamos muitas ilustrações medievais. Para Império Bizantino foram usados os mosaicos presentes na Catedral de Santa Sofia. E para a análise da civilização islâmica foi analisado o próprio alcorão. Cada conteúdo, dessa forma, possui sua própria análise de fontes, cada um com sua particularidade.

 Dentro disso, a habilidade 4, ainda presente na competência 1, é possível perceber a necessidade de analisar as fontes históricas em sala de aula:

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e espaço. (BRASIL, 2018, p. 572).

 Essa é a importância da utilização de fontes históricas na sala de aula, apresentar ao aluno mais do que o conteúdo em sua forma bruta, mas também levar elementos da própria época para uma melhor percepção da sociedade. É mostrar as singularidades de determinado período através de sua arte, literatura, vestígios. Uma maneira de evidenciar a sua importância no curso da história da humanidade.

As fontes trabalhadas em sala de aula servem para dar uma sustentabilidade ao discurso do professor, afirmando que aquele passado realmente existiu. “Inserir o documento na sala de aula pode se tornar um modo de submeter a epistemologia da história à didática, na medida em que o documento passa a ser o objeto concreto que vai dar veracidade ao relato histórico” (PEREIRA; SEFFNER, 2005, P.125). Levando em consideração de que é preciso que o professor utilize-se desse objeto (fonte) concreto e lúdico (cartas, periódicos, fotos, artigos antigos, LPs, fitas cassete etc.) para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. “A submissão da epistemologia da história à didática é decorrência da noção essencialista de que as crianças e os adolescentes, em qualquer situação, precisam ter o concreto diante de si para aprender um conceito” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p.125).

Pretendemos, desse modo, ensinar aos estudantes a especificidade da narrativa histórica em relação a outras narrativas do passado, como o cinema, a televisão, a literatura, a música, a matéria jornalística, dentre outras. Ou seja, queremos que o estudante se torne alguém capaz de reconhecer na História o estatuto de uma ciência, com seus limites e suas possibilidades. Não precisamos para isso, necessariamente, ensinar o estudante a ler um documento, mas apenas, singelamente, a desconfiar do documento, a olhar pra ele como uma construção do seu tempo e percebê-lo como um engenho que uma determinada civilização criou para mostrar às gerações seguintes uma imagem de si mesma (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p.127).

O professor precisa ensinar o aluno a desconfiar, não no sentido de atestar falsidade ou veracidade no documento, mas abordar o relato histórico como uma interpretação e não como verdade absoluta, como faziam os positivistas. Assim devemos fazer com que os alunos tenham essa visão de que não existe uma verdade absoluta dentro da epistemologia da historia. O aluno deve entender a fonte como “[...] um monumento que as sucessivas gerações classificaram, ordenaram e ressignificaram” (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p.127). Sendo assim, devemos passar a ideia de que o aluno deve compreender esse processo como algo que passou por uma interpretação histórica e que esses mesmos documentos/fontes não estão livres de uma nova interpretação no presente.

 No tocante a questão da interpretação foi demasiado aplicada em nossas observações a respeito das fontes, sobretudo na nossa Oficina de Fontes Históricas, onde, em um dos topicos, trouxemos a questão da Feke News, algo muito pertinente não só no nosso país, mas no mundo inteiro. Assim nos tratamos a respeito de como esses estudantes pudessem se sobressair quando se depararem diante de uma noticia falsa. Esse fenômeno se alastrou devidamente por conta da tecnologia dos computadores cada vez mais dinâmicos e uma internet que abrange todos os cantos da terra.

 A internet aproximou os homens em tempo real, inventou uma linguagem própria e diminuiu distâncias e diferenças. A computação gráfica gerou imagens virtuais, impulsionando novas artes visuais. Largamente utilizada no campo do ensino, substituiu consultas às enciclopédias e aos livros, padronizando informações, muitas vezes inverídicas, de forma simplificadora e reducionista. Ainda não se pode avaliar essa soma incomensurável de novos conhecimentos e seu impacto no conjunto das relações científico-sociais (PINSKY, 2005, p. 17).

Esse avanço tecnológico teve um ponto positivo, fez com que muitos documentos fossem compartilhados em todo o mundo, mas também trouxe o negativo, porque quando se tem um acesso generalizado às redes, acabou com que muita gente disseminasse muita bibiografia anticientifica, teorias da conspiração e, sobretudo, as feke news. Isso também fez com que a maioria das pessoas hoje em dia buscassem fontes inverídicas, muitas vezes até falsas, e anticientificas. “O avanço da tecnologia e principalmente da informática agilizou pesquisas quantitativas e seriais, as comunicações de forma geral, a transferência de capitais, a concepção de tempo e memória e mesmo a de realidade” (PINSKY, 2005, p. 17).

**A transversalidade no ensino de historia** :

As varias mudanças ocorridas no âmbito escolar, mudanças essas que atrelada às novas tecnologias, trouxeram uma nova forma de (re)pensar o ensino de historia. Para (KNAUSS, 2007) as constantes alterações das diretrizes e orientações legais, o controle burocrático cada vez mais eficiente, e alunos não mais aceitam os velhos métodos de ensino,( como já colocado anteriormente) assim não entendem o universo escolar como algo útil e aplicável ao seu cotidiano e provocam no educador a necessidade continua de discussão e alteração para que a escola, em sua tarefa de educar, não se esvazie, e com ela, sua própria profissão. Dessa forma tornando a atuação e participação do professor obsoleta. O ensino/educação, como disse o mestre Paulo Freire: “não pode ser a do deposito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (p.77, 2005). E nesse contexto que entra a transversalidade na educação, tendo como objetivo discutir sobre temas interdisciplinares que estão presentes na vida do estudante. “Cabe indicar que o fenômeno do conhecimento ocorre a partir da experiência dos homens na relação com o mundo em que vivem. é a partir de sua existência, portanto, que os homens constroem sua visão e compreensão de mundo”. (KNAUSS, p. 27, 2001).

A transversalidade apresenta uma proposta que ultrapassa a fragmentação dos conteúdos e disciplinas, prevendo um trabalho cujo conhecimento seja construído em função dos temas e propostas apresentados. Atrelado aos PCNs, publicados pelo Ministério da Educação, onde se pretende obter um referencial de conteúdos das diversas disciplinas, são apresentados temas que devem nortear a elaboração dos objetivos, programas e conteúdos que serão desenvolvidos por professores e alunos nas escolas brasileiras. Ou seja, a partir da constatação da necessidade de discutir questões presentes no cotidiano dos brasileiros, como, por exemplo, os permanentes casos de corrupção e de desrespeito a pessoa e a noção de cidadania, o preconceito contra grupos étnicos, de gênero e de orientação sexual, as precárias condições de saúde de parte considerável população, a desinformação sobre a educação sexual, visível em muitas escolas no alto número de adolescentes grávidas, e na necessidade de preservação dos recursos naturais e da contenção da degradação do meio ambiente, como forma de garantir a própria sobrevivência (FREITAS NETO, p. 59, 2007).

Tratando da história como forma de conhecimento, ela não pode fugir dessa relação, deve estar concatenada, alinhada aos temas que ultrapassam outras disciplinas, linha escapa a essa caracterização. (Knauss, 2007) trata-se de enfatizar que o conhecimento histórico deve ser orientado no sentido de indagar a relação dos sujeitos com os seus objetos de conhecimentos, ou seja, com o mundo do estudante, portanto provocando e instigando seu posicionamento, problematizando e questionando as formas de existência humana, promovendo a redefinição de posicionamentos dos sujeitos no mundo em que vivem. A partir disso, é preciso considerar que a produção do saber histórico evidencia-se como instrumento de leitura do mundo em que os sujeitos estão inseridos e não mera disciplina. Aproximando no máximo esses conteúdos ao cotidiana do aluno para não haver uma espécie de distanciamento entre os conteúdos passados pelo docente para os seus alunos.

Levando em consideração o que se pede para se utilizar da transversalidade no qual pede que o tema a ser estudado deve fazer parte do cotidiano do estudante, ficou acordado para que nós residentes usassemos o conceito de Violência, onde desenvolvemos um minicurso em que abordariamos temas relacioados ao planejamento da segunda unidade. Assim conseguimos elaborar um trabalho onde levamos seis conceitos de violencia, baseado no Livro: As Formas da Violencia do sociologo frances Xavier Cretiez, exemplificando cada tipo de violencia, que foram: Violência Simbólica, Violência fisíca, Violencia Politica, Violencia Coletiva, Violencia Institucional e Violencia extrema. Muitos conceitos sobre os tipos de violencia foram quebrados, assim levamos para os alunos uma outra visão a respeito do tema em questão. Muitos alunos não sabiam da existencia da violencia simbolica, o que trouxe uma otima reflexão dos estudantes. Foi acordado com os alunos um trabalho interdisciplinar entre as disciplinas de historia, geografia e direito, no qual a turma foi dividida em seis equipes onde cada equipe ficou responsavel por apresentar um determinado tipo de violencia das que foram trabalhadas no minicurso. No trabalho interdisciplinar foi recolhido o resultado da nossa empleitada, ficamos muito satisfeitos com as discussoes e resultados obtidos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

 A educação é a base que move o desenvolvimento da sociedade, o fato da mesma formar profissionais dos mais variados campos faz com que o educador possua uma grande responsabilidade, essa que por sua vez é desafiadora, pois não está limitada apenas a formar profissões, mas também está atrelada a construir sujeitos críticos e políticos dispostos a promover mudanças nos paradigmas sociais. O programa Residência Pedagógica, no curso de História, ou em qualquer outra licenciatura que atua, é de extrema importância, ou seja, é na prática onde o aluno percebe as suas aptidões e frustações e supre anseios a respeito da profissão escolhida, sendo assim, o guturo docente só consegue se perceber enquanto tal profissional a partir da vivência diária e isso foi e é possível através do programa aqui relatado.

 As atividades realizadas com os alunos do Instituto Federal de Juazeiro-BA serviram para nos fazer perceber como a utilização de temas transversais – como as fontes históricas e a violencia – é importante na formação do aluno, além de que elas podem se encaixar em todos os conteúdos básicos estabelecidos pelo plano de conteúdo da instituição. Nossa experiência com o primeiro ano de Segurança do Trabalho demostrou essa questão, porém a observação da caminhada de nosso outros companheiros da Residencia Pedagógica também nos proporcionou uma visão mais ampla.

 As considerações dos estudantes feitas depois do minicurso sobre Práticas de Violência demonstra a importancia do estudo desse conceito na sala de aula, não apenas para relaciona-lo e percebe-lo nos diferentes períodos históricos, mas também para que ela possa ser identificada no dia-a-dia. É uma problemática que ultrapassa o espaço escolar, ela se insere na sociedade de uma maneira imprecindivel.

 As fontes históricas, outro de nosso tema transversal analisado, também se mostrou como algo de inestimavel importancia na formação do jovem, fazendo com que esse as identifique até mesmo no seu cotidiano, percebendo que a sua vivencia também é uma fonte para a História. Ela é necessária para quebrar essa História linear de herois e vilões, grandes civlizações, potências, guerras. Não é apenas disso que essa matéria consiste, mas também do individuo, de sua cultura, comunidade, práticas.

 Dessa forma, consideramos o trabalho desenvolvido no Programa Residencia Pedagógica como essencial na formação não somente do discente das licenciaturas, mas também os próprios estudantes da educação básica que têm a oportunidade de vivenciar outras visões nas disciplinas, perceber que estas abrangem vários quesitos e problemáticas, que a fonte da pesquisa é infindável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Marta Mega de. **Espaço e Gênero: masculino, feminino e vida privada.** In: \_\_\_\_\_\_. A vida comum: cidade, cotidiano e cidade na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 173-223.

ARISTÓTELES. ***Política***. São Paulo: Edipro, 2008.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas de história. In: **O saber em sala de aula**. 2004, p. 11-27.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: >http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS NETO, José Alves de. ***A transversalidade e a renovação no ensino de história***. In: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 57-74.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula.** Anos 90. Porto Alegre. v. 15. n. 28. p. 113-128, dez. 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

SCHIMDT, Maria A. A formação do professor de história e o cotidiano de sala de aula. In: **O saber em sala de aula**. 2004, p. 54-68.

KNAUSS, Paulo. **Sobre a Norma e o obvio: a sala de aula como local de pesquisa.** In: Repensando o Ensino de Historia. 4. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

XENOFONTE. ***Econômico***. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

1. Graduanda em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduando em História, Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. [↑](#footnote-ref-2)
3. Prof. Adjunto do curso de História, *campus* Petrolina. Coordenador do Programa Residência Pedagógica em História nessa unidade. [↑](#footnote-ref-3)
4. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, *campus* Juazeiro. Preceptora do Programa de Residência Pedagógica em História da Universidade de Pernambuco, *campus* Petrolina. [↑](#footnote-ref-4)
5. O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). [↑](#footnote-ref-5)
6. Especificamente este campus se localiza na Rodovia BA 210, S/N, Bairro Nova Juazeiro. Juazeiro/BA [↑](#footnote-ref-6)